

Dívida é pequena, diz Bucchi

Segundo o presidente do Banco Central, a idéia de calote é mera desinformação

O presidente do Banco Central, Wadico Bucchi, fez ontem um prognóstico otimista sobre as condições de recuperação da economia brasileira. A um grupo de quase 200 executivos financeiros, ele lembrou que o tamanho da dívida interna é pequeno se comparado ao de outros países — como a Itália — onde a moeda é estável. O maior problema, na sua opinião, se resume na velocidade de crescimento dessa dívida que, no entanto, pode ser estancado com um ajuste fiscal. “A idéia de que o governo pode aplicar um calote só pode circular entre pessoas desinformadas”, afirmou após ter participado de um almoço oferecido pelo Instituto Brasileiro de Executivos Financeiros (Ibef).

O otimismo de Bucchi é alimentado pela boa saúde do setor privado. Segundo afirmou, as taxas de juros elevadas correspondem ao prêmio pago aos investidores pelas incertezas, para ele, infundadas. “No momento em que as pessoas descobrirem que há um plano confiável de ajustes, elas naturalmente vão aceitar alongar os prazos dos seus investimentos. Só ficarão no mercado de curto prazo aquelas que necessitam de liquidez.”

Bucchi acredita que o novo

Público



Ariovaldo Vicentini/AE — 3/7/89

Bucchi: quando houver confiança, os prazos vão se alongar

governo possa encontrar uma situação bastante favorável para executar seu plano de ajustamento. Para ele, resta apenas tornar o Banco Central independente

para que possa assumir a sua função de defensor da estabilidade da moeda nacional. “Até a promulgação da Constituição, o BC estava sujeito aos efeitos de

políticas regionais, o que o obrigava a dar cobertura a programas de fomento criados sem a devida previsão orçamentária.”

A receita tributária do governo foi corroída, afirmou. Enquanto em 1970, a carga bruta tributária era de 26% do Produto Interno Bruto, em 1988 ela estava limitada a 28,8% do PIB. Com isso, a capacidade de poupança líquida do governo, que em 1970 era de 5%, caiu para menos 2,9%. Não havia saída: o governo tinha mesmo de procurar financiamento adicional e o reflexo disso foi a expansão da dívida de 5,1% em 1970, para 22,6% do PIB em 1988. “Será preciso gerar recursos, cortar despesas e dar autonomia ao BC.”

As regras atuais não permitem ao governo acelerar o endividamento, afirmou Bucchi. “É o início da esperança.” Além disso, segundo o presidente do Banco Central, lei complementar aprovada pelo Congresso determina que o Banco Central só pode expandir em 10% a base monetária, em relação ao ano anterior. “Não há razão para incertezas”, disse.

Bucchi procurou transmitir tranquilidade sobre a política cambial. “A meta do superávit comercial de US\$ 16 bilhões será atingida, embora tenha havido uma liberalização das importações.” Para ele, não existe motivo para agitação no mercado por temor a um ajuste cambial.